

Geoplásticas



Anderson Luiz de Souza
Paola Zordan
Orgs.

Geoplásticas

1ª Edição

Porto Alegre
Canto - Cultura e Arte
2018

Copyright @ 2018 Anderson Luiz de Souza, Paola Zordan e autores(as)

Conselho Editorial:

Ana Godinho Gil (IFILNOVA - Universidade Nova de Lisboa)
Cayo Honorato (VIS/IdA - UNB)
Eduardo Rocha (FAURB - UFPel)
Laura Ribero Rueda (Artes Visuais/Fotografia - FEEVALE)
Verônica Domingues (FACED - UFBA)

Organizadores:

Anderson Luiz de Souza
Paola Zordan

Projeto Editorial e Projeto Gráfico:

Espaço Cultural Feevale
Anderson Luiz de Souza
Paola Zordan
Thais Rosa dos Reis

Layout e Diagramação:

Anderson Luiz de Souza
Thais Rosa dos Reis

Criação e Arte da Capa:

Anderson Luiz de Souza

Coordenação Editorial - Editores:

Wagner Ferraz
Diego Esteves

Editora:

Canto - Cultura e Arte

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Universidade Feevale, RS, Brasil

Geoplásticas [recurso eletrônico] / Anderson Luiz de Souza,
Paola Zordan orgs ; [Realização Universidade Feevale]. –
Porto Alegre: Canto – Cultura e Arte, 2018.
Dados eletrônicos (1 arquivo : 6,12 mb).

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-69802-11-2

1. Exposição. 2. Artes visuais. 3. Meio ambiente. 4. Educação
I. Souza, Anderson Luiz de. II. Zordan, Paola. III. Universidade
Feevale.

CDU 504(061.4)

Bibliotecária responsável: Bruna Heller – CRB 10/2348

Porto Alegre - 2018
CANTO - Cultura e Arte
www.canto.art.br

GEOPLÁSTICAS

EXPOSIÇÃO

24 de junho a 13 de agosto de 2017
Espaço Cultural Feevale
ERS-239, 2755 - Novo Hamburgo/RS
4º andar do Teatro Feevale

PARTICIPAÇÕES

Anderson L. de Souza (RS)
Antônio Augusto Bueno (RS)
Carolina Sanches (PR)
Carina Sehn (RS)
Daniel Caballero (SP)
Gustavo Merolli (RS)
Gustavo Tabares (URU)
Itelvino Jahn (RS)
Itiana Pasetti (RS)
Jorge Eiró (PA)
Juliana Cruz (RS)
Luciano Machado (RS)
Luís Felipe Bueno (RS)
Maria Luciana Firpo (RS)
Mayra Redin (RS)
Myra Adam Gonçalves (RS)
Paola Zordan (RS)
Fundação Gaia (RS)
Rafael Maffessoni (RS)
Thais Reis (RS)
Una Korja (RS)
Vanessi Reis (RS)
Programa de Educação Ambiental em Desastres
(PEAD - FEEVALE)
Projeto Promoção de Práticas em Gerenciamento Ambiental
Projeto Vivenciando a Educação Ambiental



espacoculturalfeevale

PROGRAMAÇÃO

Dia 24 de junho*

Coquetel de abertura
a partir das 10h

Performance UNAKORJA e Apresentação Expresso Livre
a partir das 10h

Dia 1º de agosto*

Conversa com Artistas Sobre Fotografia e Artes Visuais
Com Paola Zordan e Rafael Maffessoni
20h às 22h

Dia 09 de agosto*

Palestra (Des) enterrando Porto Alegre: o fazer artístico com
vestígios arqueológicos de uma cidade escavada
Com Vanessi Reis
09h às 12h

Dia 10 de agosto*

Exibição do Documentário Brasiliensis: uma reflexão sobre a
situação do peixe Dourado na bacia do Rio Uruguai, no Rio
Grande do Sul
Coordenação Prof. Me. Anderson Luiz de Souza
20h às 22h

Dia 16 de agosto**

Palestra Diálogos entre Sustentabilidade e Arquitetura
Com a Prof. Me. Juliana Cruz
Às 20h

Local das atividades:

*Átrio, Espaço Cultural Feevale
4º andar do Teatro Feevale

**Sala de Exposições do Arenito, Campus II (ERS 239, 2755,
Novo Hamburgo)



Apresentação	08
Goplásticas	09
Anderson L. de Souza	14
Antônio Augusto Bueno	16
Carolina Sanches	18
Carina Sehn	22
Daniel Caballero	24
Gustavo Merolli	28
Gustavo Tabares	30
Itelvino Jahn	32
Itiana Pasetti e Carina Sehn	36
Jorge Eiró	38
Juliana Cruz	40
Luciano Machado	42
Luís Felipe Bueno	44
Maria Luciana Firpo	46
Mayra Redin	48
Myra Adam Gonçalves	50
Paola Zordan	52
Fundação Gaia	54
Rafael Maffessoni	56
Thais Reis	58
Una Korja	60
Vanessi Reis	62
Projeto Promoção de Práticas em Gerenciamento Ambiental	65
Ações Realizadas	68
Ficha Técnica	85



Apresentação

No mês em que se comemorou o dia mundial do meioambiente, o Espaço Cultural Feevale apresentou a exposição intitulada Geoplásticas, que foi composta por trabalhos artísticos que transitam pelos territórios do desenho, fotografia, pintura, performance, gravura, escultura e instalação, assim como, por projetos internos e externos à universidade Feevale. Estando todos permeados de plasticidade, permitindo que se pudesse pensar, de muitas maneiras, a preservação do meioambiente e a educação para um sistema produtivo cujo o uso da natureza possa se dar de maneira sustentável. A ação também integrou as atividades em comemoração aos seus cinco anos do espaço expositivo, localizado no quarto andar do Teatro Feevale, no Câmpus II da Universidade.

Com curadoria geral a cargo dos professores Anderson Luiz de Souza (Feevale) e Paola Zordan (UFRGS), a exposição teve caráter internacional, pois reuniu nomes nacionais e internacionais como Jorge Eiró (PA), Daniel Caballero (SP), Carolina Sanches (PR), Itelvino Jahn (RS) e Gustavo Tabares (URU), em um total de 26 participantes, além dos demais convidados que participaram com atividades paralelas.

A exposição contou com uma programação variada de oficinas, palestras, aulas abertas, visitas guiadas e cursos. Toda a programação paralela da exposição pode ser acompanhada pelas redes sociais do Espaço Cultural Feevale (Facebook e Instagram) e pelo site da universidade. Sua abertura realizada no dia 24 de junho, das 10h às 13h, contou com a presença de alguns dos artistas participantes, apresentação de performances do Una Korja e da banda Expresso Livre, ambos de Porto Alegre.



Geoplásticas

Terra, Géia, Gaia: corpo de muitas manifestações e formas de vida, do qual todos fazemos parte. Na plasticidade desse grande corpo, animais, vegetais, fungos e microrganismos se misturam aos corpos minerais e outros elementos moleculares, constituindo uma composição planetária plural. O que se compõem como geoplástica conecta criações humanas e naturais que articulam poéticas visuais e ações de regeneração e preservação ambiental.

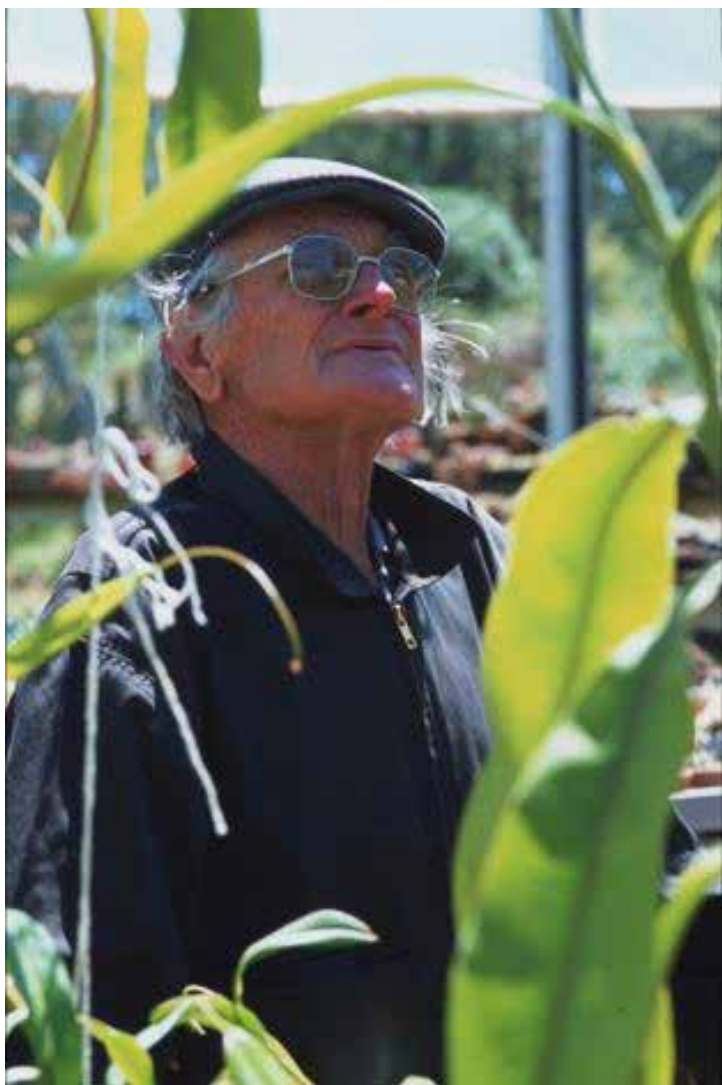
Para expor a intricada relação entre diversos tipos de seres, corpos naturais, construções, substratos e atmosferas, partimos das três ecologias implicadas no saber territorial. Essas ecologias Félix Guattari elabora em termos de meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana, nomeando essa articulação de ecosofia.

No pensamento ecosófico o logos, conhecimento estruturado, dá lugar à sofia, saber aberto que acumula as multiplicidades subjetivas, socioculturais e ambientais. Porém, em nossas pesquisas transdisciplinares, que expressam diversas nuances da criação artística, demarcações territoriais são extrapoladas. Não havendo mais espaços demarcados, trocamos o prefixo "eco", derivado de oikos, por "pan", tudo, criando uma pansofia. Um pensar pansófico não separa ética, estética e política quando mostra o quanto todas as instâncias do pensamento e dos corpos se afetam entre si.

Projetos de intervenção permacultural estão permeados de plasticidade, a preservação do meioambiente depende da economia doméstica, a saúde do planeta envolve educar para um sistema produtivo cujo o uso sustentável da natureza maneja a Terra, respeitando o corpo vivo e todos os corpos num só que esta é. O que se compõe pluralmente também se faz singular.

Mariposa em flor de algodão - Rincão Gaia





Geoplástica é um conceito, ainda em aberto, a ser trabalhado em práticas artísticas, ecológicas, ecosófica e permaculturais. Criado para essa exposição, advém do que se desenvolveu, em tese, como Gaia Educação ou geoeeducação, a partir das Três ecologias de Félix Guattari e do pensamento de Friedrich Nietzsche. Tem como a maior inspiração Gaia: o planeta vivo de José Lutzenberger, ativista em prol do meioambiente, um pensador que defendeu a natureza, a vida natural e o antidogmatismo, mostrando que a única verdade é aquela que os mistérios da Terra nos apresentam. O conceito nasceu após um convite muito especial, de meu orientando coordenador do Espaço Cultural FEEVALE, o professor, artista etc, Anderson Luiz de Souza, que sabia de minha profunda ligação com a preservação e regeneração ambiental.

Desde criança testemunhei a luta de Lutz (assim minha mãe e os amigos próximos o chamavam), em prol da diminuição da poluição, da limpeza do Guaíba e seus afluentes, alertando contra o perigo e o mal uso de agrotóxicos, e, como todos sabem, da saúde das gerações futuras. Adulta, conheci homens que assumidamente não querem nem saber o que irá acontecer depois de suas mortes, dizendo que não podem “pensar em gerações futuras” se quiserem seguir com seus “negócios”. É por esse motivo que junto a essa exposição há uma performance que ninguém viu, na qual choro sob o túmulo sem alvenaria alguma, onde repousa Lutz. Nem mesmo o Alexandre Rates de Freitas, que foi quem primeiro me mostrou o caminho daquele capão especial, num canto do que nosso inspirador chamou de Rincão Gaia onde o corpo de tão notório ecologista se reintegra na terra.



GEOartistas

Além de desafiar uma artista e professora a fazer vezes de curadora, elaborando em dupla um projeto expositivo, o convite de Anderson me leva a fazer muitos e muitos convites, a amigos, a artistas que admiro, a gente que pouco conhecia mas que eu sabia ter trabalhos que pensavam a terra e seus diversos e variados seres. O principal deles incluía a Fundação Gaia, junto a qual junto a qual o legado de José Lutzenberger permanece vivo. Anexo a obras de arte, em espaço contíguo, tivemos a cronologia de sua obra e de sua vida, material gentilmente cedido para a mostra pelo Franco Werlang.

Quanto aos outros muitos convites, alguns responderam logo, alguns nunca responderam, alguns responderam quando tudo já estava montado. Sendo que, apenas que por um destes deslizos cronológicos (ó Saturno, filho de Gaia, que sempre nos morde) que o Jorge Hermann não participa deste catálogo, mas fica aqui a menção a este artista, um dos gaúchos, a despeito das tendências contemporâneas, a se afirmar com desenhos e pinturas da natureza.

Conhecer melhor o Antônio Augusto Bueno e por conseguinte a Carolina Sanches, que estava em Porto Alegre registrando a textura das árvores, tornou o projeto Geoplásticas um feliz encontro e a criação de novos laços. Foi ótimo reencontrar a obra de Gustavo Tabares, que provocou grande impacto aos meus sentidos na X Bienal do Mercosul, e poder acrescentar sua impressões de espigas de milho.

Assim como essa experiência, as experimentações fotográficas da professora Myra Gonçalves, atestam as diversificadas formas que transformam a arte em natureza e a natureza em arte, seja pelas marcas, seja pela imitação.

O também colega Jorge Eiró, atento aos fluxos que unem nosso Sul ao Norte, o qual enviou suas fotografias eletronicamente, com detalhadas instruções de montagem, das águas do Guaíba e do Guamá, reforça a importância dos encontros e dos afetos numa proposta cheia de sincronidades.

O trabalho de Daniel Caballero, cujo projeto O Cerrado Infinito conheci em residência na Casa do Sol do Instituto Hilda Hilst, em muitas explorações do grande jardim da escritora, também foi enviado para ser impresso.

Muitos acasos tornaram a mostra Geoplásticas essa experiência transversal, entre eles o encontro com o urologista Rafael Maffessoni e suas incríveis capturas de animais por todos os cantos do mundo.

A colaboração destes artistas, que extrapolam o Rio Grande do Sul, amplia as paisagens junto as quais a mostra se desenvolve, aproximando artistas locais sem formação acadêmica, como Itelvino Jahn, artistas ainda em formação, artistas com formação em arte complementar a outras profissões, e artistas inseridos no sistema contemporâneo das artes.

Essa amplitude pode ser compreendida a partir da assemblage de Juliana Cruz, que honra a exposição com a presença guarani, povo para o qual não há uma palavra específica para se designar a arte, mas sim uma afirmação plástica, via trabalho manual, daquilo que se expressa na natureza e na vida.

Incluir obras de alunos e graduados cujas poéticas conhecemos em sala de aula, certamente foi uma estratégia para alargar o diálogo entre produções diversificadas e camadas distintas do mundo das artes. Cursos diferentes como Artes Visuais, Moda, Fotografia, Arquitetura (a Vanessi Reis também é arquiteta), Jornalismo, Ciências da Saúde e Teatro se integram em criações que nossa montagem fez dialogar.

A arte da performance, vital na afirmação do corpo, no pensar a política dos espaços e as resistências a depredação

planetária, se faz presente com o vestido performático de Itiana Pasetti e com o trabalho de Alisson Espírito Santo e Lucas Reis Velho, que se tornam Una Korja para tratar dos problemas do lixo.

Convidar membros do grupo de pesquisa ARCOE, Arte, Corpo e enSigno, artistas com mestrado ou doutorado, vários sob minha orientação, tem sido uma prática de Anderson em diversos projetos expositivos, tendo em vista que nossos trabalhos pedagógicos, alguns com aspecto arteterapêuticos, mantêm algumas poéticas restritas, como por exemplo as sutilizações da Carina Sehn.

A escuta da Mayra Redin, também psicóloga, mostra que textos e imagens não se apartam, tal como os irmãos do ateliê Jabutipê, representados tanto pelas coletas do Antônio Augusto como pelo texto Um outro outono, obra do Luís Felipe Bueno.

Dessa maneira, a mostra Geoplásticas rompe fronteiras e classificações, fazendo relações visuais com diferentes biomas, espécies e paisagens.

Paola Zordan



Ilex paraguariensis

Anderson Souza (RS)

A série de aquarelas intitulada “Mudas” foi realizada especialmente para a exposição Geoplásticas. Os desenhos foram feitos a partir da observação de mudas de árvores típicas da flora do Rio Grande do Sul. Sendo elas a erva-mate (*Ilex paraguariensis*), o açoita-cavalo (*Luehea divaricata*), o palmito-juçara (*Euterpe edulis*) e o pau-de-andrade (*Persea pyrifolia*), sendo que as duas últimas se encontram na lista de plantas em risco de extinção.

Mudas
Aquarelas sobre papel Hahnemühle
300g/2
20cm x 30cm (cada)
2017

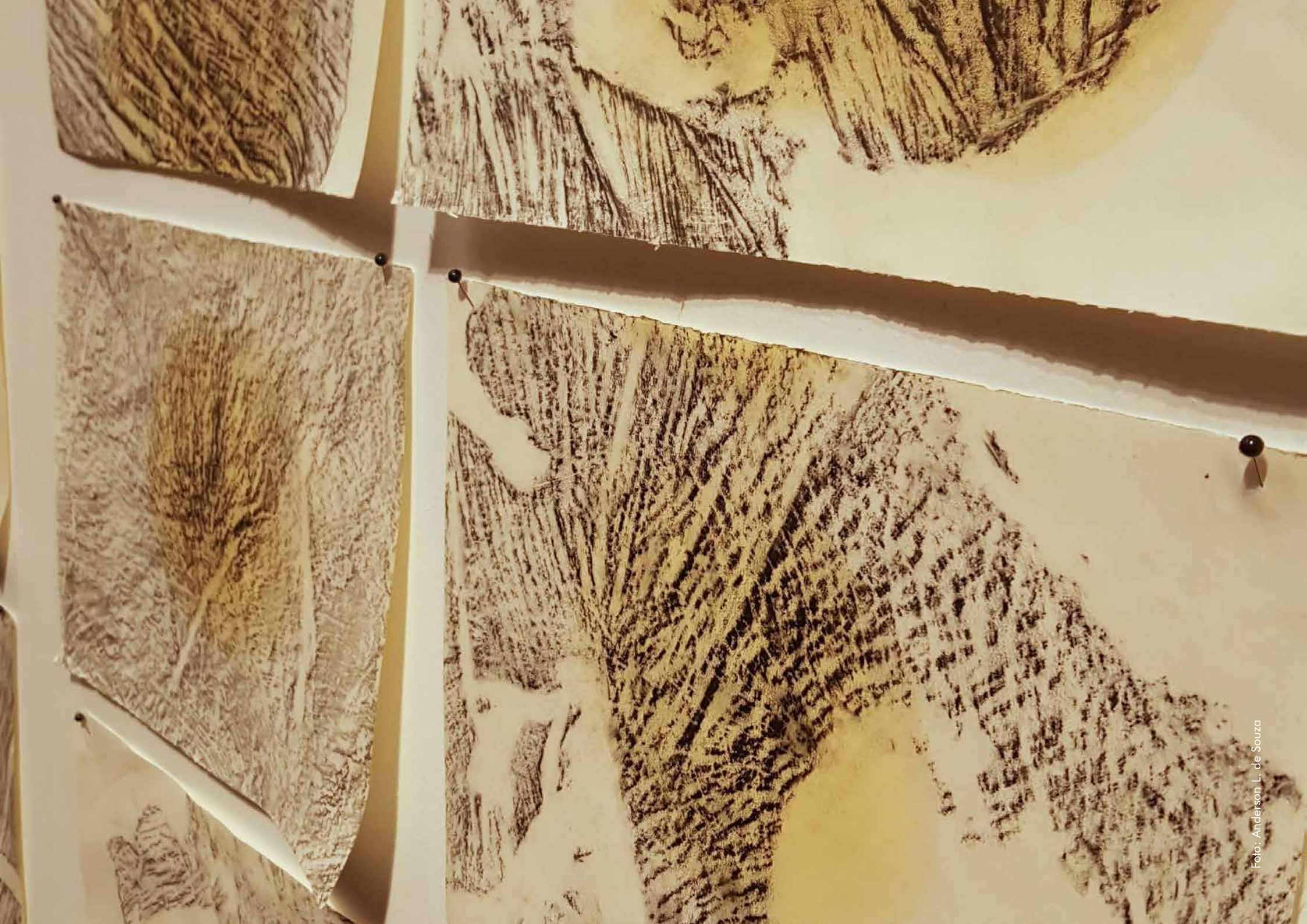






Antônio Augusto Bueno (RS)

Alguns elementos da natureza que vem sendo coletados com o passar do tempo em diferentes localidades.
Dimensões variadas
2017



Carolina Sanches (PR)



Condensadas
Grafite e óleo de
linhaça s/ papel,
Dimensões variadas
2017

Estar em uma residência artística implica em imersão, tanto no que se refere ao contexto de um novo ateliê - seus possíveis espaços a serem reconhecidos, habitados e ocupados -, quanto a nova cidade que passa diariamente a influenciar nestes dias de passagem. Das novas paisagens, do fluxo de uma capital movimentada, das diferentes construções e dos hábitos distintos, uma coisa me chama novamente a atenção. Algo que se repete continuamente em todos os lugares por onde já passei: árvores cortadas.

Diariamente inúmeras árvores são cortadas. Na maioria das vezes em que se pergunta o motivo do corte ao encarregado, a resposta se apresenta em repetição: condenada. Os motivos para exterminar as árvores de uma mesma cidade são muitos, desde “a raiz está quebrando a calçada”, “ela tampa demais meu estabelecimento”, “as folhas fazem muita sujeita” e por aí vai. De encontro a essas questões, em uma conversa com Antônio Augusto Bueno, ele me contou sobre as várias peças de troncos cortados que ele coleciona no Ateliê Jabutipê.

O motivo do corte das árvores é um só: estavam condenadas. A partir disso, realizei uma primeira frotagem de um dos troncos do ateliê, e logo, caminhando pelas ruas de Porto Alegre em busca de fagulhas para elaborar um novo trabalho nesse período de residência, me deparei com uma árvore que não existia mais. Imaginei sua sombra, suspeitei seu tamanho ao ver a grossura do tronco e não hesitei, sentei ao lado dele, saquei da mochila uma folha de papel e fiz a primeira impressão de um fragmento daquele tronco. E não foi necessário mudar de rua para encontrar outra não-árvore, virando a esquina eu já avistava a ausência de outra, e a partir desta espécie de não-encontro, dei início a série Condenadas.

Entre a beleza dos veios da madeira, grandes fissuras indicam a urgência da motosserra, vestígios de uma ação artificial do homem perante sei lá quantos anos de naturalidade. Estas impressões, ou até mesmo gravações, foram feitas nas ruas General Cripiano Ferreira, General

Bento Martins, Marechal Floriano Peixoto, Lopo Gonçalves, Duque de Caxias, Fernando Machado, Olavo Bilac, João Pessoa, rua da praia em Belém novo, praça Oswaldo Vergara e parque Farropilha.

Os nomes destas ruas muito têm a nos dizer. Uma ferrugem enalacrada paira sobre a difícil sobrevivência do Brasil e o aço dos dias nos aponta para situações já vivenciadas antes. Mas como quem se perde no que toca, a ação de frotar os troncos geraram-me certa confusão, onde eu já não sabia mais definir o que era eu e o que estava tocando. Esse espaço é um lugar de mescla, o tempo e a integridade da ação se confundem.

O material também passa ser meu corpo, o espaço vazio também é meu corpo, as não-árvores são agora parte de mim, portanto, eu também passo a fazer parte dessa ausência de estrutura, que se encontra à espera, imóvel e ao mesmo tempo, cheia de rastros. Capturadas num gesto vegetal.







Carina Sehn (RS)

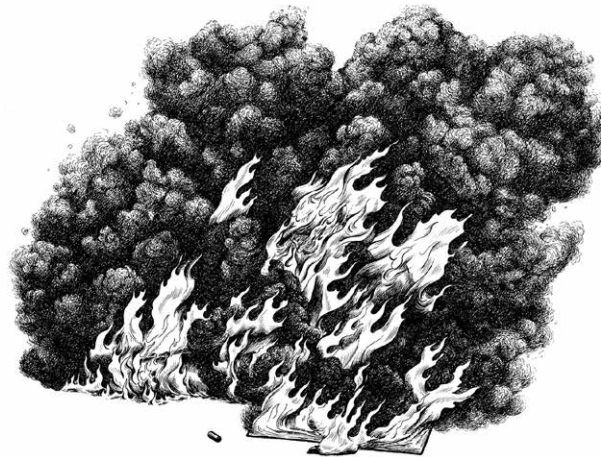
Objeto encontrado em uma coleta sutil na praça Brigadeiro Sampaio em Porto Alegre, que pertence às palmeiras reais plantadas na praça. Estas palmeiras são usadas pelo exército militar que ocupa a praça para hastear as bandeiras do país em dias de eventos cívicos.

“Leito de rio”
instalação, caule da folha de palmeira real e verniz selador
Dimensões: 1,58 x 0,20cm,
2017

“Embalsamo”
Instalação, lasca de tronco de coqueiro e verniz selador
Dimensões: 1,58 x 55cm
2017



Daniel Caballero (SP)



“Eu pegando fogo” ilustrações criadas para o livro de artista “Guia de campo dos Campos de Piratininga ou O que sobrou do cerrado paulistano ou Como fazer seu próprio Cerrado Infinito”, trabalho que integra o projeto “Cerrado Infinito”.

Eu pegando Fogo
Desenho, impressão sobre papel couché 120 g/m²
Dimensões 42 x 29,7 cm
2017.



O livro do artista Daniel Caballero, foi realizado com apoio do Proac da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo é parte do corpo do trabalho Cerrado Infinito, que o artista desenvolve há mais de um ano em locais públicos pela cidade de São Paulo. Consiste em expedições em busca de plantas sobreviventes dos extintos Campos de Piratininga, o ambiente campestre á partir do qual a cidade se estabeleceu e desenvolve. O artista coleta as plantas e as transplanta para esses locais numa configuração que estabelece uma trilha de terra pela qual as pessoas andam e tem contato com essa vegetação.

Essa paisagem totalmente esquecida no cotidiano da cidade é então resgatada, problematizando uma série de questões variadas que vão além de um engajamento ambiental, questionando a ocupação do solo, a colonização e perda de identidade da paisagem, além da memória histórica e cultural.

O livro, apresenta desenhos botânicos extremamente detalhados de cada espécie de planta e histórias relatando as expedições e a experiência de tentar construir esses cerrados no meio da cidade de São Paulo. Também traça paralelos com as iniciativas de cidadãos e ambientalistas na cidade, além de ensinar como fazer um Cerrado Infinito, convidando a um engajamento utópico em rever essa paisagem natural histórica da cidade, os Campos de Piratininga.

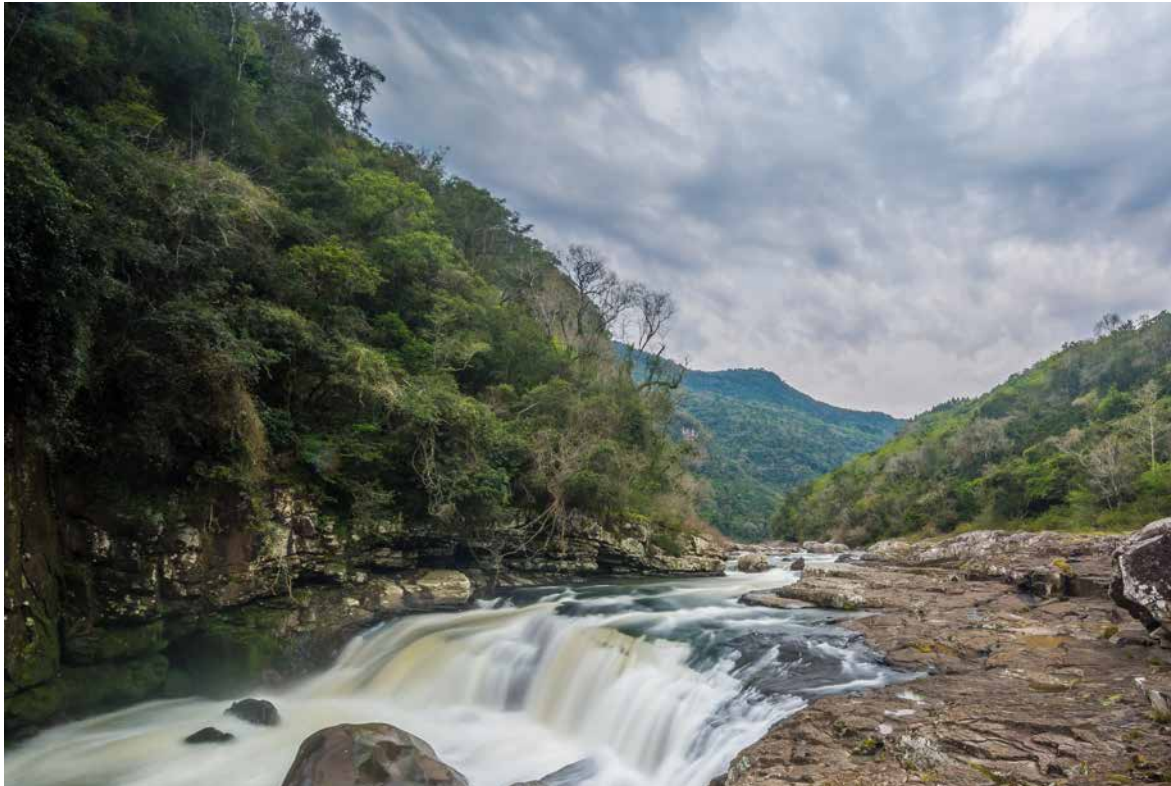
O livro "Guia de campo dos Campos de Piratininga ou o que sobrou do cerrado paulistano ou Como fazer seu próprio Cerrado Infinito", é um livro de artista numerado, com tiragem de 1000 exemplares assinados pelo autor, que constitui parte do corpo de trabalho do projeto Cerrado Infinito.

<http://cerradoinfinito.com.br>





Gustavo Merolli (RS)



A imagem foi registrada em uma colônia de Gramado, o local se chama Pedra Branca, após 15 minutos de trilha chega-se em uma pequena queda de água com pedras de texturas incríveis, a técnica realizada nessa imagem é o HDR (Alto Alcance Dinâmico) são 3 imagens mescladas, com três exposições diferentes e a câmera estabilizada no tripé, após realizar as exposições as imagens são mescladas no Photoshop e tratadas no Lightroom, essa técnica possibilita com que tenhamos uma luz homogênea em toda imagem, com detalhes no céu e também luz no primeiro plano.

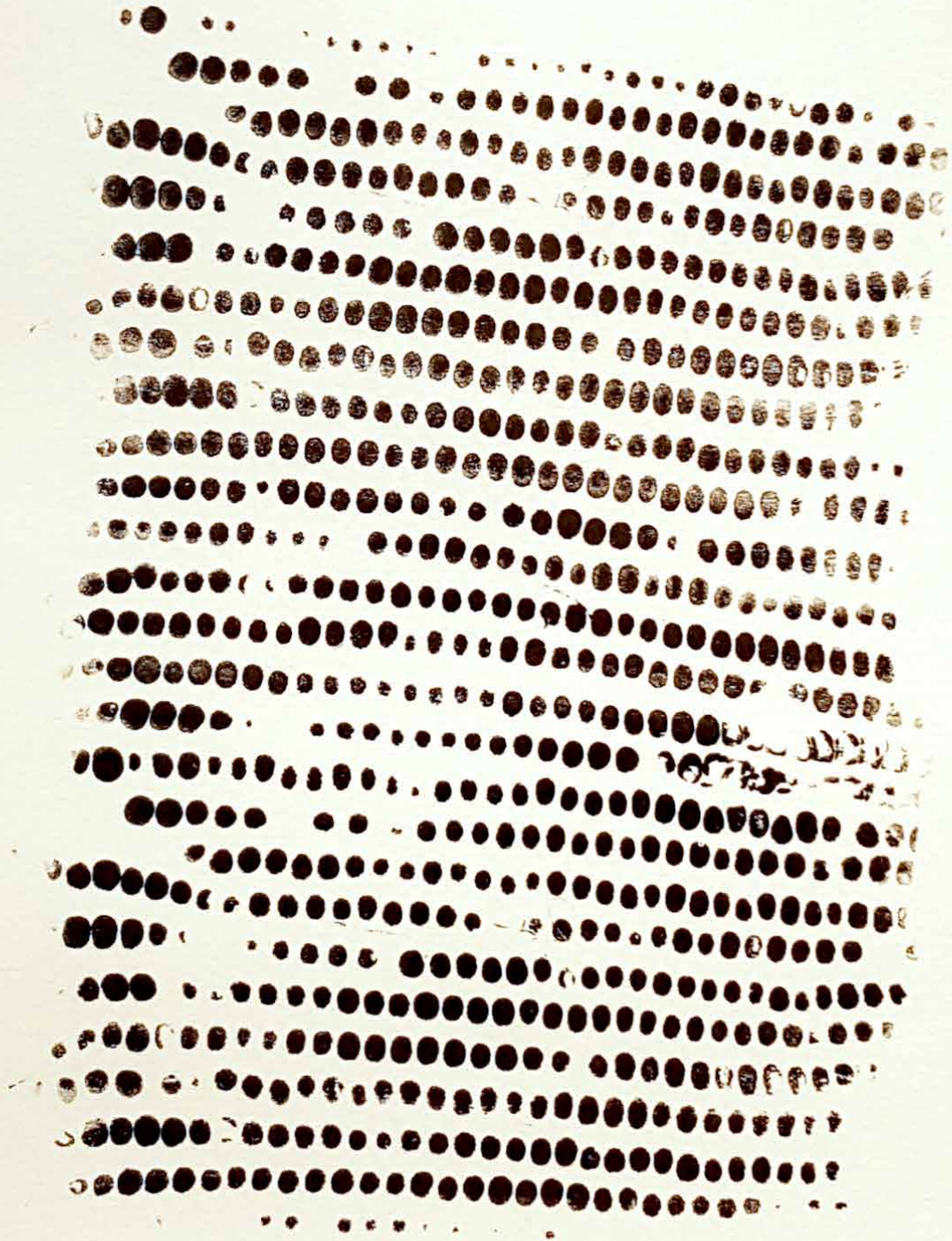
“Ar Puro”

Fotografia em HDR

Suporte: Papel 100% algodão

Dimensões 30 x 45cm

2016



Gustavo Tabares (URU)



sem título
Gravura de espiga de milho sobre
papel
42 x 59,4 cm
2017



Itelvino Jahn (RS)



Fotos: Ricardo Zordan



Foto: Anderson L. de Souza

Sem título
Esculturas em madeira, sem título,
Montenegro
2015



Fotos: Ricardo Zordan



Foto: Ana Kneviz

Sem título
Esculturas em madeira, sem título,
Montenegro
2017







Itiana Pasetti + Carina Sehn (RS)

A obra que se trata de uma roupa-performance, construída ao vivo por Itiana Pasetti, durante uma performance que ocorreu dentro da Galeria Península. A confecção do vestido durou cerca de 1h30min e foi toda realizada sobre o corpo de Carina Sehn, utilizando a técnica de moulage. Após a confecção do vestido, Carina tomou um banho de sumo da amoreira que avia sido preparado com com as folhas da árvore de amoreira que existe no jardim localizado nos fundos da Galeria. As manchas existentes no vestido exposto são provenientes deste banho.

“Roupa para banho de amoreira”
Instalação, vestido de algodão e alfinetes
Dimensões: 1,60 x 0,50cm
2017



Jorge Eiró (PA)



A beira de um rio ou a orla marítima os aproximam, e em qualquer lugar do mundo as águas que eles veem ou pisam são também as águas do Mediterrâneo.

(Milton Hatoum, Relato de um certo oriente)

Guamá - Guaíba
Fotografias, impressão sobre papel couché 180 g/m²
2017



Juliana Cruz (RS)



Objetos de madeira produzidos pela comunidade Mbyá Guaraní
Dimensões variáveis; 2008





Luciano Machado (RS)

Devido a linha de pensamento da exposição e ao grande apreço que tenho por flores, busquei representar alguma planta endêmica do Estado, e através de pesquisas, descobri que a flor Brinco de Princesa era exatamente o que eu vinha buscando.

Inspirado pelas técnicas da artista Claudia Hamerski que trabalha muito com desenhos de partes da natureza, fiz os desenhos, contrastando as imagens, e criando então a obra "Endêmicas", que consiste em dois desenhos em diferentes estágios da flor.



Endêmicas

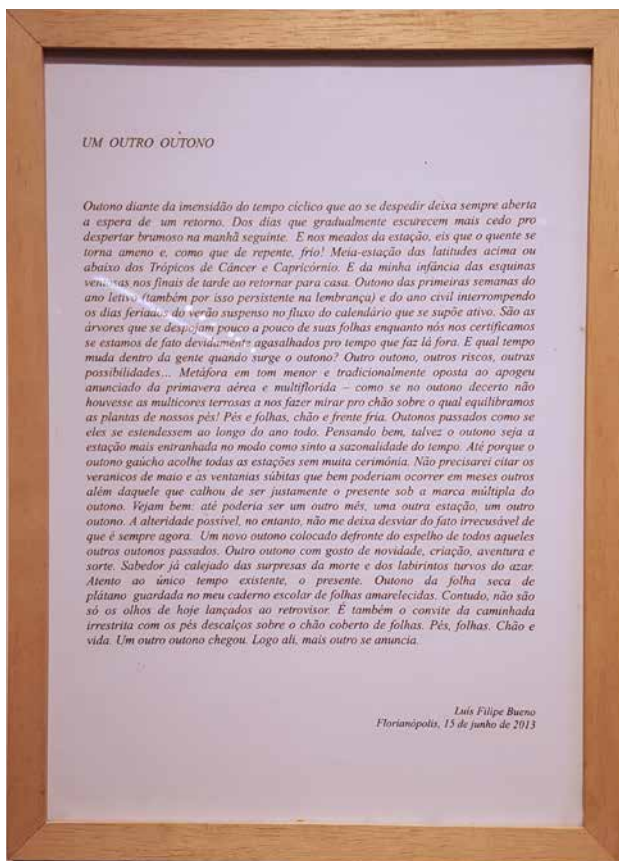
Lápis 8B Staedtler sobre papel Canson.

Dimensões 42 x 29,7cm (cada)

2017

o tempo (também por isso persistente na lembrança) e ao ano civil interrompido
dias feriados do verão suspenso no fluxo do calendário que se supõe ativo.
árvores que se despojam pouco a pouco de suas folhas enquanto nós nos certifi-
camos de fato devidamente agasalhados pro tempo que faz lá fora. E qual
é a mudança dentro da gente quando surge o outono? Outro outono, outros riscos,
outras possibilidades... Metáfora em tom menor e tradicionalmente oposta ao a-
nunciado da primavera aérea e multiflorida – como se no outono decer-
tivesse as multicores terrosas a nos fazer mirar pro chão sobre o qual equilibramos
as plantas de nossos pés! Pés e folhas, chão e frente fria. Outonos passados co-
mo se se estendessem ao longo do ano todo. Pensando bem, talvez o outono
seja a estação mais entranhada no modo como sinto a sazonalidade do tempo. Até po-
deria o outono gaúcho acolher todas as estações sem muita cerimônia. Não precisarei
de ventanias de maio e as ventanias súbitas que bem poderiam ocorrer em meses
de outono. Lembrem-se daquele que calhou de ser justamente o presente sob a marca múltipla
de outono. Vejam bem: até poderia ser um outro mês, uma outra estação, um
outro outono. A alteridade possível, no entanto, não me deixa desviar do fato irrecusável
de que é sempre agora. Um novo outono colocado defronte do espelho de todos os
outros outonos passados. Outro outono com gosto de novidade, criação, aventura
e morte. Sabedor já calejado das surpresas da morte e dos labirintos turvos do
tempo ao único tempo existente o presente. Outono da folha se

Luís Felipe Bueno (SC)



Um outro outono
Texto impresso sobre papel
Dimensões 32 x 45 cm
2013

UM OUTRO OUTONO

Outono diante da imensidão do tempo cíclico que ao se despedir deixa sempre aberta a espera de um retorno. Dos dias que gradualmente escurecem mais cedo pro despertar brumoso na manhã seguinte. E nos meados da estação, eis que o quente se torna ameno e, como que de repente, frio! Meia-estação das latitudes acima ou abaixo dos Trópicos de Câncer e Capricórnio. E da minha infância das esquinas ventosas nos finais de tarde ao retornar para casa. Outono das primeiras semanas do ano letivo (também por isso persistente na lembrança) e do ano civil interrompendo os dias feriadados do verão suspenso no fluxo do calendário que se supõe ativo. São as árvores que se despojam pouco a pouco de suas folhas enquanto nós nos certificamos se estamos de fato devidamente agasalhados pro tempo que faz lá fora. E qual tempo muda dentro da gente quando surge o outono? Outro outono, outros riscos, outras possibilidades... Metáfora em tom menor e tradicionalmente oposta ao apogeu anunciado da primavera aérea e multiflorida – como se no outono decerto não houvesse as multicores terrosas a nos fazer mirar pro chão sobre o qual equilibramos as plantas de nossos pés! Pés e folhas, chão e frente fria. Outonos passados como se eles se estendessem ao longo do ano todo. Pensando bem, talvez o outono seja a estação mais entranhada no modo como sinto a sazonalidade do tempo. Até porque o outono gaúcho acolhe todas as estações sem muita cerimônia. Não precisarei citar os veranicos de maio e as ventanias súbitas que bem poderiam ocorrer em meses outros além daquele que calhou de ser justamente o presente sob a marca múltipla do outono. Vejam bem: até poderia ser um outro mês, uma outra estação, um outro outono. A alteridade possível, no entanto, não me deixa desviar do fato irrecusável de que é sempre agora. Um novo outono colocado defronte do espelho de todos aqueles outros outonos passados. Outro outono com gosto de novidade, criação, aventura e sorte. Sabedor já calejado das surpresas da morte e dos labirintos turvos do azar. Atento ao único tempo existente, o presente. Outono da folha seca de plátano guardada no meu caderno escolar de folhas amareladas. Contudo, não são só os olhos de hoje lançados ao retrovisor. É também o convite da caminhada irrestrita com os pés descalços sobre o chão coberto de folhas. Pés, folhas. Chão e vida. Um outro outono chegou. Logo ali, mais outro se anuncia.

Luís Felipe Bueno
Florianópolis, 15 de junho de 2013



Maria Luciana Firpo (RS)



A estética indígena é o que desejo representar através do “barro”, sua forma, cor, textura, sonoridade. Busco na arte pré-colombiana as características culturais como elemento fundamental de inspiração e a modo de ritual como os povos originários, modelo com a argila palavras de respeito e admiração pelos povos indígenas.

Cumplice serie” índia Blanca “
Cerâmica sonora, modelado, engobe e transferências/
1000°C
Dimensões: 50 x 26 X 16 cm
2016



Mayra Redin (RS)



Procure encostar a sua orelha na orelha de outra pessoa. A parte da frente do seu ombro esquerdo encontra a parte da frente do ombro esquerdo de outra pessoa. Assim fica mais fácil a aproximação entre as orelhas esquerdas. Busque o lugar onde as duas cavidades se tocam formando uma espécie de túnel. Você pode fazer isso com apenas uma pessoa mas também pode tentar criar um túnel de escuta mais extenso. A parte da frente do seu ombro esquerdo encontra a parte da frente do ombro esquerdo de outra pessoa. A parte da frente do seu ombro direito encontra a parte da frente do ombro direito de outra pessoa. E assim por diante. Para os dois lados. Agora procure escutar e dar sua escuta à escuta. Sucessivamente.

A escuta da escuta
Instalação, conchas, impressão sobre papel cartão.
Dimensões variáveis
2014.



Foto: Anderson L. de Souza

Myra Adam Gonçalves (RS)



Antotípias e outras impressões solares
Impressões em papel de algodão
20 x 30cm
2017



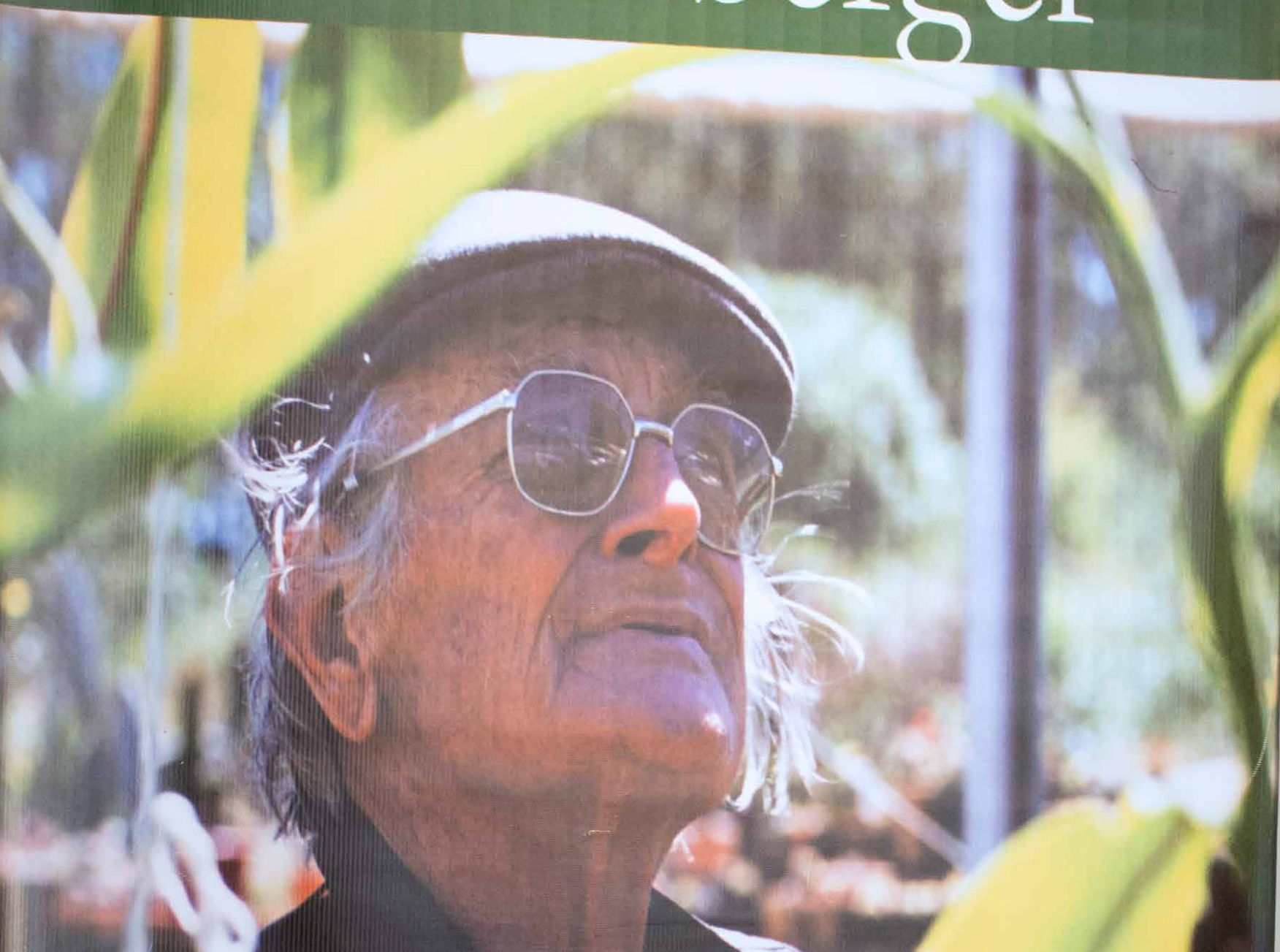


Paola Zordan (RS)

Essa pintura procura reproduzir a visão obtida durante a descida desse estreito desfiladeiro, refúgio ecológico estudado e defendido por Padre Balduino Rambo (1906-1961), botânico cuja obra é fundamental para compreensão dos biomas gaúchos. Limite entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, este cânion é denominado Itaimbézinho, que para os tupis é “pedra afiada”, expre sando seu caráter periculoso e por vezes mortal. Tanto que, hoje, é proibido fazer a descida que fiz em novembro de 1995. Descer sem equipamento seus setecentos metros, segurando nas pedras, foi uma experiência única, sendo seus efeitos pensados em minha tese, escrita entre a Arte e a Educação em defesa da força de Gaia e seus fluxos. Percorrer o fundo do abismo em suas curvas que chegam a fazer quase 6 quilômetros entre paredões cuja distância entre um e outro tem em torno de duzentos e vinte metros, permeadas pelos seus cristalinos cursos de água, vegetação abundante e encontros inusitados com a fauna local, especialmente lagartos, produz sensações sublimes. A área de preservação do Parque Nacional dos Aparados da Serra possui 13.060 hectares com Mata Atlântica e Floresta de Araucária. O presente ensaio pictórico fabula as cores naturais do Itaimbézinho em prol das impressões magnânimas provocadas por esta paisagem.

Itaimbézinho I
Óleo e pastel sobre tela
100 cm X 170 cm
2016

Lutzenberger



Seu livro deca-
da, escrito em Viena
por Lutzenberger,
que nos últimos cinco
anos é presença em
toda a imprensa
brasileira. O livro
de grande publicidade
em termos de con-
tente. É que ele
tem a mensagem crítica
e pedagógica profissional.
José Lutzenberger tem
de ser lido de imediato
quanto dia que o
problema é ilustre,
e a posição da
formação e da
informação do leitor em.
A imprensa, sobre

"Poluição"

A Tribuna, Produção

Foto: Ricardo Zordan



Fundação Gaia (RS)

A Fundação Gaia nasceu da vontade de possibilitar uma ampliação da atuação na luta ambiental de seu fundador e presidente, José Lutzenberger (foto). Criando assim suporte e unindo esforços para a indicação e implantação de alternativas de soluções que levem à construção de uma sociedade mais sustentável ambiental. Buscando contribuir para a garantia da sobrevivência e sustentabilidade de todas as espécies do nosso sistema vivo, o maravilhoso e fantástico planeta Terra - Gaia.

A fundação atua na área de Educação Ambiental e na promoção de tecnologias brandas socialmente compatíveis, tais como a Agricultura Regenerativa (ecológica), manejo sustentável dos recursos naturais, medicina natural, produção descentralizada de energia e saneamento alternativo. A sede rural, o Rincão Gaia (área de 30 hectares onde funcionava uma pedreira de exploração de basalto), é um exemplo da aplicabilidade destes conceitos.

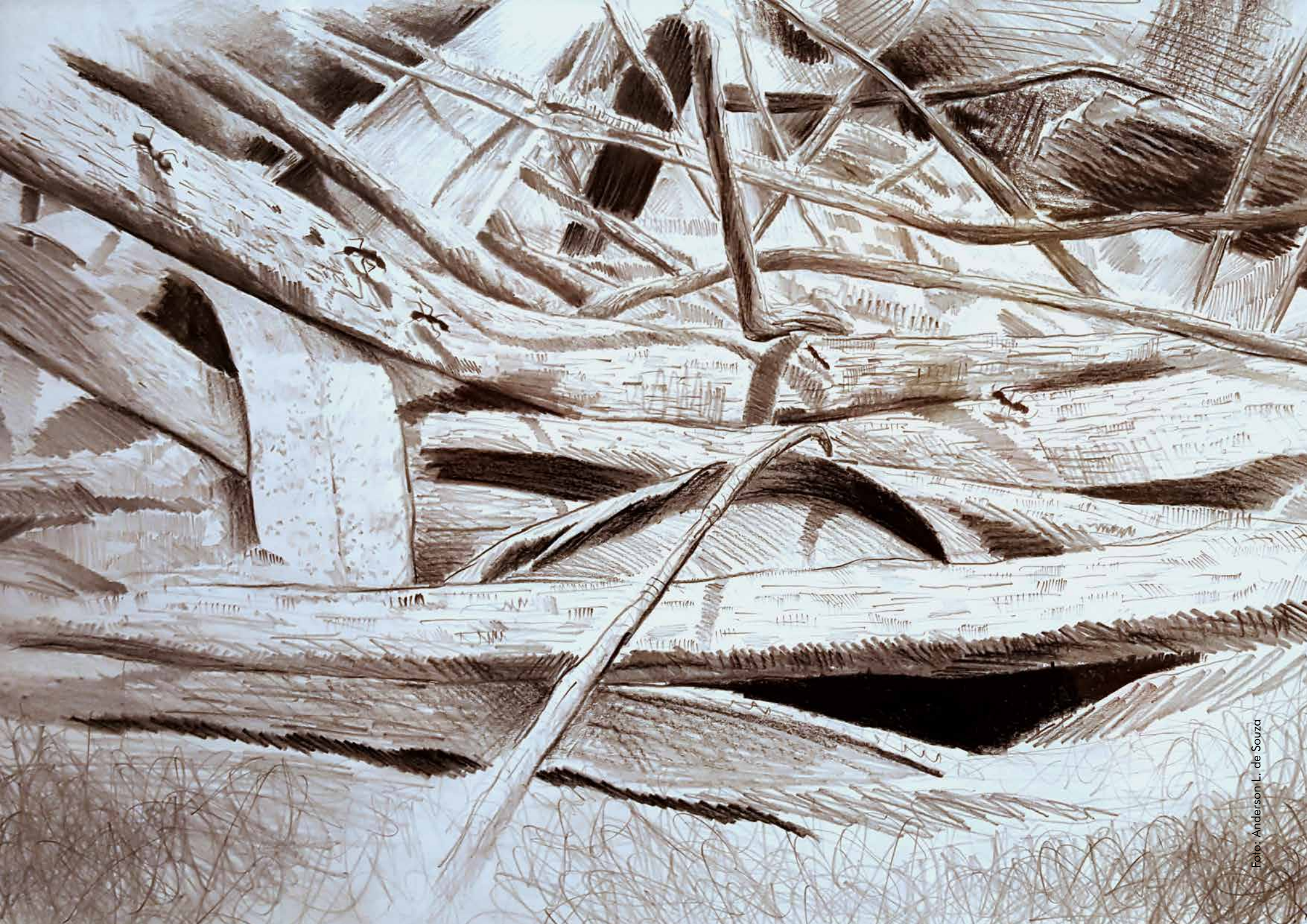
<http://www.fgaia.org.br/>



Rafael Maffessoni (RS)



sem título
Fotografias de animais, impresso sobre
papel couché 180 g/m²
Dimensões 42x 29,7 cm



Thais Reis (RS)



“Entre linhas e formigas” apresenta um desenho criado a partir de uma imagem fotográfica, onde gravetos se traduzem em linhas e formigas em pequenas formas escuras que compõem na superfície da folha de papel, a riqueza da variação do gesto que demonstra a necessidade imediata do olho em fazer dos traços um conjunto de símbolos, resultado de uma observação de detalhes de uma cena recorrente na natureza.

Entre Linhas e Formigas
Dimensões: 42 x 29,7
2017





Una Korja (RS)

O lixo

Matéria-prima para construção de um corpo
de uma vida

Dele emerge a loucura que também é realidade

Matéria orgânica que se desfaz e refaz e produz sentidos. É
mais que humano.

Nascemos sendo o próprio lixo, matéria fecal descartável o
qual não temos controle. Excesso, dispêndio.

A sujeira é apenas uma lembrança do que somos.

Em meio ao lixo encontramos os quatro elementos: Terra, Ar,
Fogo, Água. Estes se juntam em meio ao monturo de resíduos,
restos os quais a humanidade produz e descarta. A barbárie
começa em casa.

Junto ao lixo, com o lixo e pelo lixo: vivemos.

Criamos, amamos, gozamos e também morremos. O afeto
na metrópole é o lixo chamado de amor. Humano: resíduo
fictício da terra. Para conservar a epiderme, dorme e não
sonha. Para conservar o corpo, transpôs o pesadelo para o
real.

Com a água lavamos a pele e criamos o barro.

O barro que suja, o barro que limpa, o barro que cega, é
para o barro que retornaremos (sendo lixo de hoje, amanhã
e sempre).

Performance Expurgo

Tempo de duração: 2h

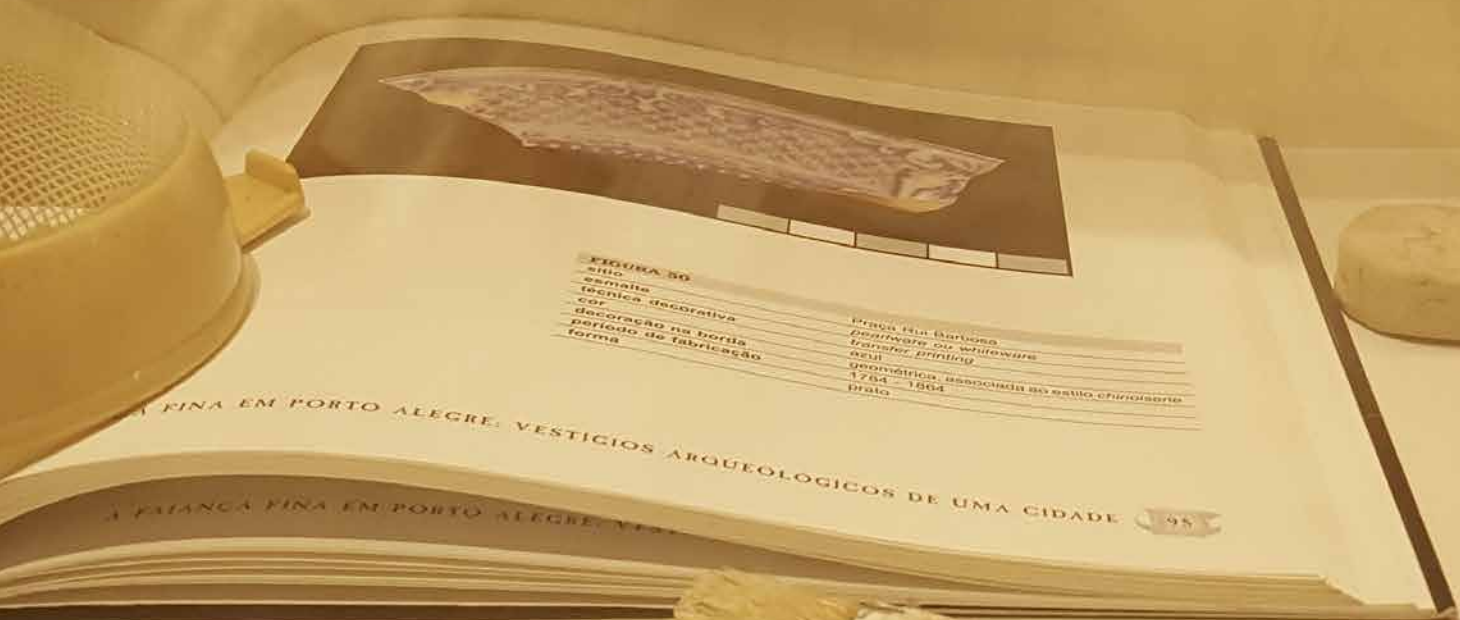


FIGURA 30
Site
emala
técnica decorativa
cor
decoração na borda
período de fabricação
forma

Local	Porto Alegre
Material	cerâmica
Técnica	transferência por serigrafia
Cor	vermelha
Período	1763 - 1864
Forma	retangular

A FIANÇA FINA EM PORTO ALEGRE: VESTÍCIOS ARQUEOLÓGICOS DE UMA CIDADE 95



Vanessi Reis (RS)



(Des)enterrando Porto Alegre

Instalação: livros, amostras de terras e pedaços de objetos oriundos de escavações arqueológicas em sítios históricos de Porto Alegre.

Dimensões variáveis

2009-2015



Projeto Promoção de Práticas em Gerenciamento Ambiental



"O rio que temos, o rio que queremos"
Projeto vivenciando a Educação Ambiental
Feevale

A região do Vale do Rio do Sinos é considerada uma das mais problemáticas frente às questões ambientais no Rio Grande do Sul e no Brasil. Tanto a Política Nacional do Meio Ambiente (Lei nº 6.938/1981) quanto a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/1999), definem a obrigatoriedade da Educação Ambiental na formação de professores e alunos como forma de capacitação para participação ativa na defesa do meio ambiente.

O projeto tem como objetivo capacitar professores no desenvolvimento de práticas educacionais que visem a integração da comunidade escolar nas diferentes problemáticas envolvendo o meio ambiente e o gerenciamento de seus recursos. Para tanto, serão desenvolvidos materiais didático-pedagógicos com a participação de docentes das escolas municipais pertencentes aos municípios que integram a Bacia Hidrográfica dos Sinos e que apresentam IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) abaixo da média (0,60 a 0,69) da região. As atividades serão desenvolvidas por meio de metodologias ativas, fomentando ações de formação continuada nas escolas da região. Os temas dos workshops serão organizados em módulos: água, solos, resíduos, energia e biodiversidade. Os docentes serão instrumentalizados para atuarem como multiplicadores de ações que promovam boas práticas ambientais, garantindo o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa, contribuindo para a promoção de estratégias e projetos mais efetivos na Comunidade Escolar, visando o bom uso dos recursos naturais. Os docentes das escolas contribuirão com suas vivências, ideias e questionamentos na confecção dos materiais didáticos que serão distribuídos para as Secretarias de Educação dos municípios participantes. Através dos professores das escolas municipais, as ações receberão sugestões da comunidade escolar, incluindo os saberes populares nas problemáticas abordadas. Estas ações servirão para auxiliar na aquisição de conhecimentos e sensibilização em relação às questões ambientais.

Em prol do planeta

Trazer para uma mesma mostra, ainda que em espaços distintos, a divulgação de projetos ambientais em diálogo com obras de arte, foi um desafio em termos de montagem e curadoria. Nem todos os projetos e entidades contatados, com os quais mantemos diálogo, tiveram condições e insumos para se fazerem presentes, tendo em vista que não houve, neste proposta, disposição de recursos aos convidados, o que nos faz expressar aqui profundos agradecimentos a todos que colaboraram para sua realização.

As ações, a mostra e a programação paralela contaram com significativa participação do público, dando esperança de que os cuidados com a Terra, Géia, sejam valores para todos. Seja via o que se construiu teoricamente junto a exposição, seja pelas obras expostas, seja pelos projetos apresentados, propagar e divulgar um pensamento que, a partir daqui, podemos chamar geoplástico, nos coloca, como dizia José Lutzenberger, “em ressonância com Gaia” (1990).

O ecologista nos ensinou que não há território depredado e destruído pelos homens que não possa ser regenerado. A vida em torno dos lagos do Rincão Gaia e as práticas de seus inúmeros seguidores, prova que a natureza, destarte todos os problemas com que os humanos a manejam, vence.

Geoplásticas

Três séculos depois de muitas navegações e temas de vida do qual todos foram parte, a plasticidade desse grande corpo animal, todos elementos masculinos, constituindo uma composição planetária e social. Onde se compõe, como geoplástica, cores, formas, humanas e naturais que apontam possíveis visões e ações de regeneração e preservação ambiental. Para isso, a relação entre diversos tipos de seres, cores, formas, construções, substratos e atmosferas, partimos da ideia de uma ecologia implicada no saber territorial. Essas ecologias Félix Guattari elabora em termos de meio ambiente, relações sociais e sobrevivência humana, nomeando essa articulação de ecosófia. No pensamento ecosófico a logos, conhecimento estruturado, dá lugar a uma saber aberto que acumula as multiplicidades subjetivas, socioculturais e ambientais. Porém, em nossas pesquisas transdisciplinares, que expressam diversas nuances da criação artística, demarcações territoriais são extrapoladas. Não havendo mais espaços demarcados, trocamos o prefixo "eco", derivado de oikos, por "pan", tudo, criando uma palavra. Um pensar panóptico não separa ética, estética e política quando mostra, o quanto todos as instâncias do pensamento e do corpo se abtem entre si. Projetos de intervenção gemacultural são permeados de plasticidade, a preservação do meio ambiente dentro da economia doméstica, a saúde do planeta envolve educar para um sistema produtivo cujo o uso sustentável da natureza maneja a terra respeitando o corpo vivo e todos os corpos num só que está é. O que se constrói plasticamente também se faz singular.

COORDENADOR GERAL:
Anderson L. de Souza
Paola Zordan

COORDENADORA DOS PROJETOS INSTITUCIONAIS:
Adriana Ganzer

PARTICIPANTES:
Anderson Souza (RS), Antônio Augusto Bueno (RS),
Carina Sehn (RS), Carolina Sinches (PR),
Daniel Caballero (SP), Fundação Gaia,
Guilherme Schröder (RS), Gustavo Merolli (RS),
Gustavo Tabares (URL), Itelvino Jahn (RS),
Itiana Pasetti (RS), Jorge Eiro (PA),
Juliana Cruz (RS), Luciano Machado (RS),
Luis Filipe Bueno (RS), Maria Luciana Firpo (RS),
Mayra Redin (RS), Myra Adam Gonçalves (RS),
Paola Zordan (RS), Programa de Educação
Ambiental em Desastres (PEAD),
Projeto Promoção de Práticas em Gerenciamento
Ambiental, Projeto Vivenciando a Educação
Ambiental, Rafael Maffessoni (RS), Thais Reis (RS),
Uma Korja (RS), Vanessi Reis (RS).

REALIZAÇÃO:



APOIO:



Acompanhe pelas redes
a programação

espacoculturalfeevale



de junho a 13 de agosto de 2017



Geoplásticas

O Espaço Cultural Feevale convida a todos para coquetel de abertura da exposição Geoplásticas!

Dia 24 de junho (neste sábado),
das 10h às 13h

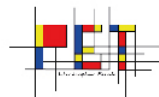
ENTRADA FRANCA

- Encontro com Artistas;
- Pocket show com a **Banda EXPRESSO LIVRE** (PoA).
- Performance do **UNA KORJA** (PoA).

ESPAÇO CULTURAL FEEVALE
ERS-239, 2755 - Novo Hamburgo/RS
4º andar do Teatro Feevale

espacocultural@feevale.br

APOIO:



REALIZAÇÃO:



Pocket Show com a Banda EXPRESSO LIVRE



Performance do UNA KORJA



Geoplásticas

Programação das Ações Educativas Geoplásticas *

09/08 (quarta-feira/manhã) - **Palestra Des)enterrando Porto Alegre: o fazer artístico com vestígios arqueológicos de uma cidade escavada, com a artista e arquiteta Vanessi Reis**
Local: Espaço Cultural Feevale – Teatro Feevale, 4º andar (ERS 239, 2755, Novo Hamburgo)
Horário: 9h30

10/08 (quinta-feira/noite) - **Exibição do Documentário “Brasiliensis – uma reflexão sobre a situação do peixe dourado na bacia do Rio Uruguai, no Rio Grande do Sul”**
Local: Espaço Cultural Feevale – Teatro Feevale, 4º andar (ERS 239, 2755, Novo Hamburgo)
Horário: 20h

16/08 (quarta-feira /noite) - **Palestra Diálogos entre Sustentabilidade e Arquitetura, com a prof. Me. Juliana Cruz**
Local: Sala de Exposições do Arenito, câmpus 2 (ERS 239, 2755, Novo Hamburgo)
Horário: 20h

23/08 (quarta-feira /noite) - **Aula aberta de desenho de observação, com o prof. Me. Anderson Luiz de Souza**
Local: Espaço Cultural Feevale – Teatro Feevale, 4º andar (ERS 239, 2755, Novo Hamburgo)
Horário: 20h

**Todas as atividades são abertas à comunidade em geral
Entrada franca**

Apoio:



Realização:



Ações educativas exposição Geoplásticas

PALESTRA
(Des)enterrando Porto Alegre: o fazer artístico com vestígios arqueológicos de uma cidade escavada
com a artista e arquiteta Vanessa Reis

Dia: 09/08 (quarta feira – manhã)

Local: Espaço Cultural Feevale – Teatro Feevale, 4º andar (ERS 239, 2755, Novo Hamburgo)

Horário: 9h30

Entrada franca!

Apóio: TEATRO FEEVALE, ARCOE, CIMA

Realização: UNIVERSIDADE FEEVALE

(Des)enterrando Porto Alegre

O presente trabalho apresenta uma poética visual em campo expandido. Tangenciando outras áreas do conhecimento, junta história, arqueologia, arquitetura, urbanismo e artes visuais, num trabalho transdisciplinar. Inspirada em experiências pessoais e de outros artistas, resolvei

reproduzir mapas antigos da cidade, em escala ampliada, pintados com pigmentos de seu próprio solo. Para isso, foi necessário um critério de seleção e escolha dos locais de captura, definidos conforme seus usos sociais: residencial (Solar Lopo Gonçalves, hoje Sede do Museu Joaquim José Felizardo; Residência que hoje abriga a Nova Pinacoteca Municipal e o Casario Residencial do Complexo da Santa Casa), religioso (Catedral e Igreja Nossa Senhora das Dores), comercial (antiga Alfândega) e administrativo (Paço Municipal).

No processo de cavação, foram descobertas camadas de terras de diferentes cores, que exigiu estudos sobre a correta forma de coleta, separação (para não misturar as cores e por períodos históricos) e ensacamento. Neste processo houve orientação da arqueóloga da prefeitura, Fernanda Tochetto que, além de ensinar-me a correta maneira de fazer o processo, ainda me instrumentou com equipamentos, por empréstimo, e



com os relatórios e publicações que trataram das escavações feitas na cidade, e que, coincidentemente, correspondiam, em boa parte, a locais de captura selecionados. As terras sofreram secagem natural, pesagem e peneiragem manual para serem usadas como pigmento, em duas malhas, para se obter texturas diferentes de cada solo, à cada época. Foram investigados e testados tipos de lonas e de veículos para, com os pigmentos, tornarem-se tinta. Também foi realizada a seleção dos mapas a serem reproduzidos. Com as “terras históricas”, seriam pintados os “mapas históricos”. A cidade, rodeada pelo rio (elemento importante de sua paisagem), deveria ser re(a)presentada com seu litoral. Por isso, a lona que dá suporte à pintura e que centraliza a produção deste projeto, foi banhada no rio – o que gerou a necessidade de registro do processo.

Assim, a obra passou a apresentar, também, fotografias e vídeo, que compõem a história e constroem a memória do trabalho. Além disso, apresenta, também, em expositores, objetos, vestígios e marcas do processo de coleta das terras e do processo pictórico, além dos registros das publicações e do caderno de campo das escavações e o processo, com detalhes das trincheiras, camadas, profundidades de solo, perfil estratigráfico, peso das amostras, etc.

A pintura acabou “reenterrando” as terras históricas da cidade em camadas pictóricas, em veladuras acrílicas, assemelhando-se às aquarelas de primeiros mapas das capitais brasileiras.

O mapa urbano produzido da cidade de Porto Alegre é elemento de representação e rerepresentação da cidade, a partir de seus vestígios, testemunhos de suas vivências que são “dadas a ver” a partir da exposição de seus solos e sujidades, na composição de camadas pictóricas, de lugares significativos da cidade, sendo, também, representação e rerepresentação deles mesmos, visto que a composição pictórica previu o reenterro dos solos em seus locais representacionais na tela.



Exibição:


BRASILIENSIS


AS AMEAÇAS AO DOURADO NA BACIA DO RIO URUGUAI



DATA: 10/08
HORÁRIO: 20H

LOCAL:
TEATRO FEEVALE
ESPAÇO CULTURAL — 4º ANDAR, JUNTO À
EXPOSIÇÃO AMBIENTAL “GEOPLÁSTICAS”
NOVO HAMBURGO

Aberto ao público!

Apoio:  Espaço Cultural FEEVALE 5 anos

Realização:  HOFFMANN AUDIOVISUAL

Financiamento:  Pró-cultura RS Lei de incentivo à cultura  TODS PELO RIO GRANDE

Brasiliensis

Com a finalidade de fazer uma reflexão sobre a situação do peixe dourado na bacia do rio Uruguai, no Rio Grande do Sul, bem como abordar os conflitos ambientais e sociais que surgem a partir do cenário atual da espécie, o filme tem o título inspirado no nome científico da espécie, que é migradora de longas distâncias e tem a tendência de desovar nas cabeceiras dos rios. O documentário também mostra os diferentes fatores que contribuem para a fragilidade da vida desse peixe, que se destaca como um predador essencial para a cadeia trófica. O dourado é uma das principais espécies de interesse comercial da bacia e um atrativo para os pescadores esportivos, por fazer saltos fantásticos.

Em 2002, o “rei do rio” - como é conhecido popularmente - entrou para o livro vermelho de animais ameaçados de extinção do Rio Grande do Sul, o que ocasionou a proibição da sua pesca e comercialização. Na renovação do estudo, em 2014, o status de vulnerável permaneceu na lista.



Foto: Fish TV



Foto: Anderson L. de Souza



Foto: Fish TV

Geoplásticas

Ações educativas exposição Geoplásticas

PALESTRA
Diálogos entre Sustentabilidade e
Arquitetura
com Prof.^a Juliana Cruz

Dia: 16/08/2017 (quarta-feira - noite)

Local: Sala de Exposições (201) – Prédio Arenito, Câmpus 2 - Universidade Feevale

Horário: 19h30

Entrada franca!

** Será fornecido declaração de participação*

Apelo: Espaço Cultural Feevale 5 anos

Realização: TEATRO FEEVALE, ARCOE, GMA, UNIVERSIDADE FEEVALE

Diálogos entre sustentabilidade e arquitetura

A proposta deste encontro é promover um diálogo sobre sustentabilidade. Buscar-se-á através desta atividade organizar conceitos e demonstrar como princípios sustentáveis podem ser postos em prática, principalmente no âmbito da arquitetura. A discussão alertará sobre a importância de uma mudança de percepção e de valores para romper paradigmas e propor projetos mais sustentáveis utilizando como exemplo a visão de mundo de comunidades tradicionais. Através da apresentação de exemplos de projetos arquitetônicos demonstrar-se-á soluções que oferecem aos usuários tudo o que necessitam para sustentar suas necessidades mínimas com impacto ambiental reduzido. Neste sentido, o diálogo proposto deverá abordar a importância do desenvolvimento de projetos arquitetônicos mais sustentáveis e os impactos destes projetos, tanto no meio ambiente quanto nos hábitos, percepções e valores de seus usuários.



Programação das Ações Educativas Geoplásticas *

Conversa com artistas, sobre fotografia e artes visuais com Rafael Maffessoni e Paola Zordan

Dia: **01/08** – terça-feira – Noite

Local: **Espaço Cultural Feevale** – Teatro Feevale, 4º andar (ERS-239, 2755, Novo Hamburgo)

Horário: 20h
Entrada franca

*Será fornecido declaração de participação



Apoio:



Realização:

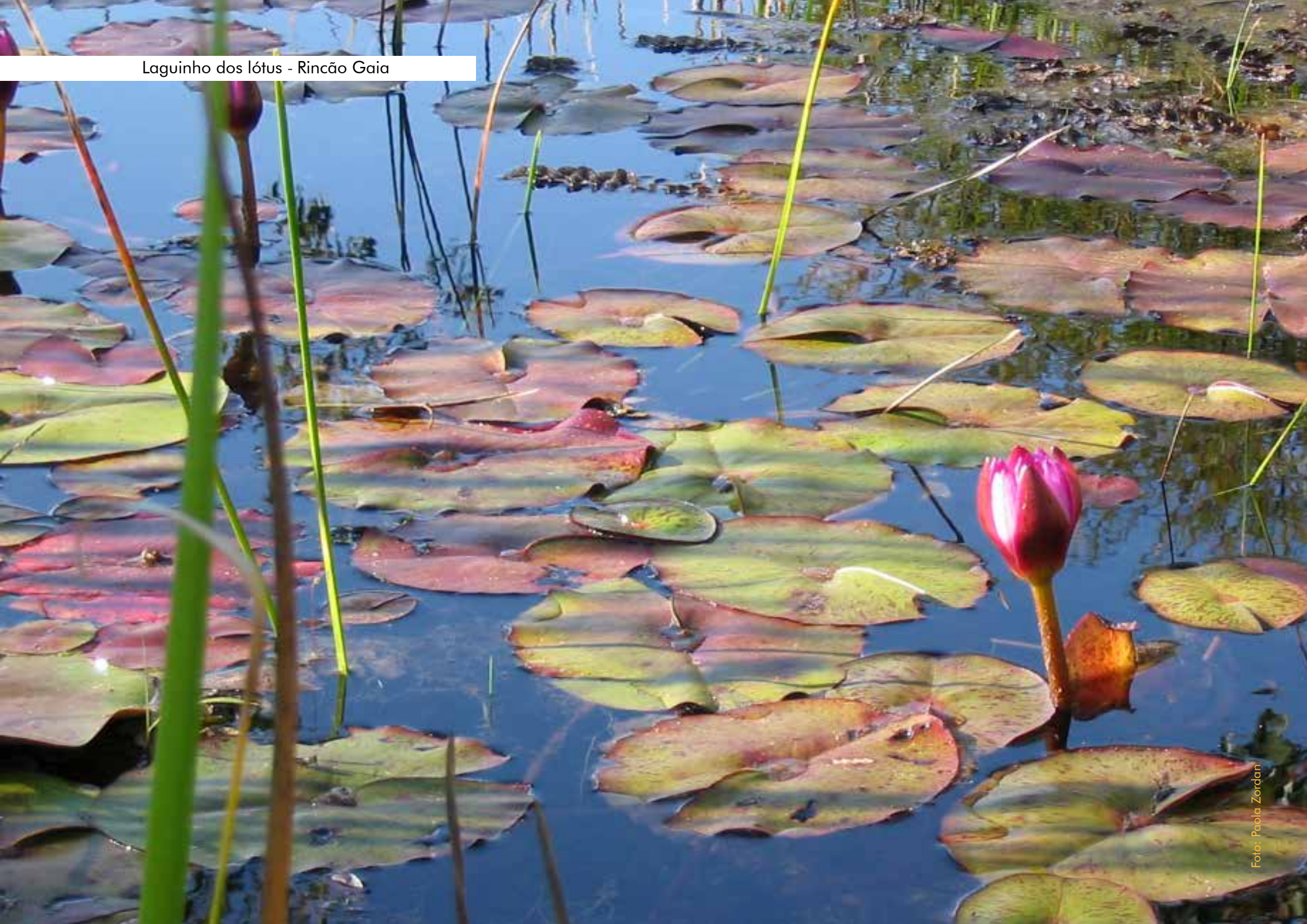


Aventurar-se e capturar

O que faz o ser humano querer guardar algo das paisagens que percorre? Por que compartilha imagens e informações sobre a diversidade de espécies e experiências com as quais se depara? E por que tais necessidades de registro acontecem especialmente em lugares que não os habituais? A História da Arte mostra o quanto novos territórios foram e ainda são desbravados com os sentidos atentos, os quais são dados a ver por diversas criações desenvolvidas ao longo de viagens. Expressando as múltiplas forças da Terra, produções pictóricas, gráficas e literárias misturam as fronteiras entre a Arte e a Ciência apresentando a singularidade da visão dos ditos “artistas-viajantes”, muitas vezes também médicos, botânicos, geólogos. Com foco na fotografia da natureza e suas relações com outras poéticas, conversaremos sobre viajar, itinerários, escolhas, captura de imagens, lentes e luzes.



Laguinho dos Lótus - Rincão Gaia



“Gaia tem muitos recursos, tem muito tempo. Com novas formas de vida encontrará saída, Sobram-lhe ainda cinco bilhões de anos até que o Sol, em sua penúltima fase evolutiva, ao se tornar “gigante vermelho”, venha expandir-se até aqui, antes de apagar-se lentamente. Gaia será recirculada nos gases incandescentes do Sol, assim como cada um de nós seremos recirculados ao solo.”

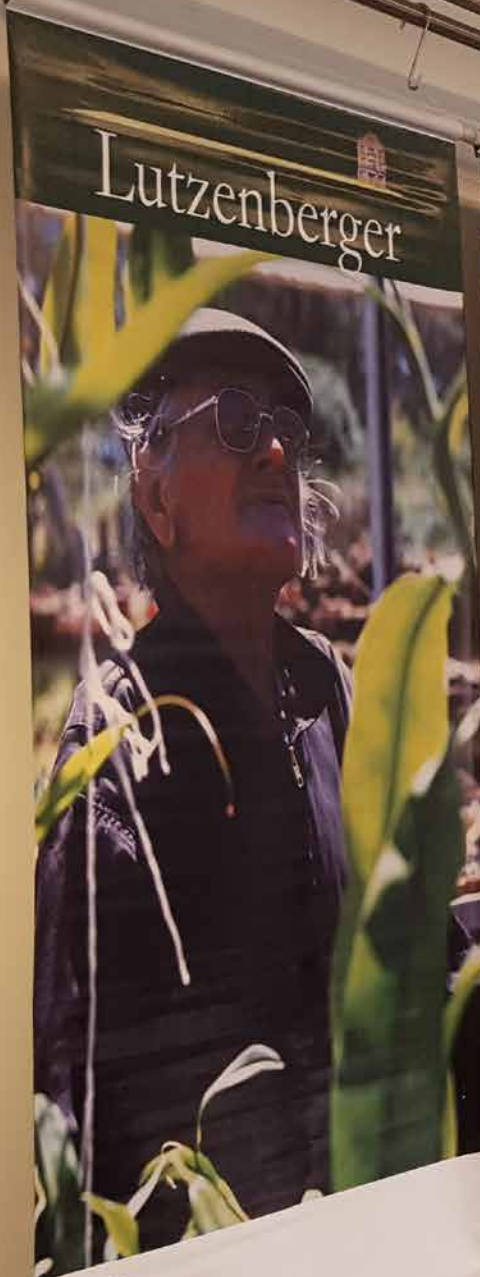
LUTZENBERGER, José. Gaia – o planeta vivo (por um caminho suave). Porto Alegre, L&PM, 1990, p.108.

Lago das Estrelas - Rincão Gaia



Recortes da montagem da exposição






Realização:





Apresentação

TRIBUNA



José Lutzenberger, conhecido como o pai do ambientalismo gaúcho, ficou mundialmente conhecido pelo seu comprometimento com a conservação entre as décadas de 70 e 90. Fundador da Apeaga, foi criador da teoria de Casa e do Rio, Casa em Floriano Grande. Com uma obra espalhada pelo mundo, concentrou seus esforços na defesa do desenvolvimento sustentável, principalmente na agricultura e no uso de recursos renováveis. Ao longo de sua vida procurou alertar sobre os perigos da globalização, que representa um risco para a humanidade em nível ecológico e social. A exposição "Lutzenberger" tem o objetivo de retratar sua trajetória, incentivando a aproximação a ser humano, suas lutas e seus ideais, com o dever fazer parte das lutas de todos nós.



Objeto



Objeto de estudo da exposição é o livro "Lutzenberger: Casa e Rio" publicado em 2014, que reúne textos e imagens do autor, além de uma seleção de suas obras. O livro é dividido em duas partes: a primeira aborda a trajetória de Lutzenberger, desde sua infância até sua morte, e a segunda parte apresenta uma seleção de suas obras, com destaque para a teoria de Casa e do Rio.

Atribuna



Atribuna é uma publicação mensal que aborda temas de interesse ambiental e social. Foi fundada por José Lutzenberger em 1978, com o objetivo de promover o debate e a conscientização sobre questões ambientais e sociais. A publicação é considerada uma das principais fontes de informação sobre o movimento ambiental brasileiro.

Atribuna



Atribuna é uma publicação mensal que aborda temas de interesse ambiental e social. Foi fundada por José Lutzenberger em 1978, com o objetivo de promover o debate e a conscientização sobre questões ambientais e sociais. A publicação é considerada uma das principais fontes de informação sobre o movimento ambiental brasileiro.

Atribuna



Atribuna é uma publicação mensal que aborda temas de interesse ambiental e social. Foi fundada por José Lutzenberger em 1978, com o objetivo de promover o debate e a conscientização sobre questões ambientais e sociais. A publicação é considerada uma das principais fontes de informação sobre o movimento ambiental brasileiro.

Atribuna



Atribuna é uma publicação mensal que aborda temas de interesse ambiental e social. Foi fundada por José Lutzenberger em 1978, com o objetivo de promover o debate e a conscientização sobre questões ambientais e sociais. A publicação é considerada uma das principais fontes de informação sobre o movimento ambiental brasileiro.

Atribuna



Atribuna é uma publicação mensal que aborda temas de interesse ambiental e social. Foi fundada por José Lutzenberger em 1978, com o objetivo de promover o debate e a conscientização sobre questões ambientais e sociais. A publicação é considerada uma das principais fontes de informação sobre o movimento ambiental brasileiro.



Ficha Técnica | Exposição

Concepção

Anderson Luiz de Souza
Paola Zordan

Produção

Espaço Cultural Feevale
Coordenação Geral
Anderson Luiz de Souza

Assistente de Produção

Thais Reis (Bolsista)

Design Gráfico

Anderson Luiz de Souza
Equipe de Montagem
Guilherme Ferreira Marques
Guilherme Rodrigues de Farias
Lucas Henrique Pereira Nunes
Mateus Freitas da Silva
Tiago Paraboni
(Manutenção Geral)

Bolsistas PET, sob a tutoria do Profa. Claudia Schemes

Iluminação

Adriano Castoldi Garzão
Robson Oliveira Moreira

Transporte

Uilton Júnior Butzge

Segurança

Olcimar Pereira Siqueira Filho
Paula Giane Boll
Sandra Regina de Oliveira Ramos

Realização

Curso de Graduação em Artes Visuais
Curso Superior de Tecnologia em Fotografia

Promoção

UNIVERSIDADE FEEVALE

Agradecimentos:

Prof. Me. Rene de Moraes Rudit
Coordenador do Curso de Artes Visuais

Profa. Me. Myra Adam de Oliveira Gonçalves
Coordenadora do Curso Superior de Tecnologia em Fotografia
e do Curso Superior de
Tecnologia em Design Gráfico

Patricia Scossi
Gerente Geral do Teatro Feevale

Bolsistas PET e a Profa. Dra. Claudia Schemes

Patricia Valerim
Coordenadora da Biblioteca Feevale

Banda Expresso livre
Gabriel Torelly
Vicente Guindani
Augusto Furtado
Yuri Ebenriter
Jéssica Nucci
Laura Lazzaroto
Augusto Constantino

Ricardo Zordan

Thais Rosa dos Reis
Alisson Espírito Santo
Carina Sehn
Daniel Caballero
Fundação Gaia

Fish TV
Guilherme Schröder
Gustavo Merolli
Gustavo Tabares
Itelvino Jahn
Itiana Pasetti
Jorge Eiró
Juliana Cruz
Lucas Reis Velho
Luciano Machado
Luís Filipe Bueno
Maria Luciana Firpo
Mayra Redin
Myra Adam Gonçalves
Rafael Maffessoni
Vanessi Reis

UNIVERSIDADE FEEVALE

PRESIDENTE DA ASPEUR:
Roberto Cardoso

REITOR:
Cleber Prodanov

PRÓ-REITORA DE ENSINO:
Angelita Renck Gerhardt

PRÓ-REITOR DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO:
João Alcione Sganderla Figueiredo

DIRETOR DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS CRIATIVAS E TECNOLÓGICAS:
João Bastista Mossmann

DIRETOR DO INTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS:
Marcelo Paveck Ayub

DIRETOR DO INTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE:
Cesar Augusto Teixeira

DIRETORA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INSTITUCIONAIS:
Paula Casari Cundari

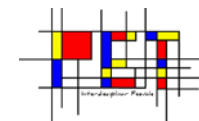
DIRETOR DE NOVOS NEGÓCIOS:
Alexandre Zeni

DIRETORA DE INOVAÇÃO:
Daiana de Leonço Monzon

Realização:



Produção:



Apoio:



ESPAÇO CULTURAL FEEVALE
ERS-239, 2755 - Novo Hamburgo/RS
CEP 93525-075
4º Andar do Teatro Feevale

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO
Segunda a sexta-feira, das 14h às 18h
Agendamento de visitas : 51 3586 9235
ou pelo e-mail espacocultural@feevale.br



[espacoculturalfeevale](https://www.facebook.com/espacoculturalfeevale)





Espaço
Cultural
Feevale
5 anos



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-69802-12-9



9 788569 802129